

www.autoresespiritasclassicos.com



Léon Denis

Congresso Espírita Internacional de Paris em 1925

Nos Bastidores do Congresso Espírita em 1925

Claire Baumard a Biografia de Léon Denis

Título Original em Francês

Discours de Léon Denis Prononcés à l'occasion du Congrès Mondial Spirite de Paris, du 6 au 13 septembre 1925.

Editora: Typographie de Coulet et Passas
Paris (1925)



Tradutora da obra - Chrissie Chynde
2013

Conteúdo Resumido da obra

Como apóstolo do Espiritismo, Léon Denis se embrenhou, além da literatura, nos grandes encontros realizados na Europa, tendo participado de alguns memoráveis congressos espíritas entre o fim do século XIX e no primeiro quartel do século XX. Neste livro, recolhemos os discursos proferidos por Léon Denis no Congresso Espírita Internacional de 1925, realizado de 6 a 13 de setembro, em Paris. Foi o último evento de que o venerando mestre participou, tendo sido o seu presidente de honra.

Sumário



Discurso do Sr. Léon Denis, presidente do Congresso, na reunião de abertura em 10 de Setembro 1925 / **03**



Discurso do Sr. Léon Denis, presidente do Congresso na Sessão de encerramento em 12 de setembro 1925 / **07**



Discurso Sr. Léon Denis extraídos da Revista Espírita do mês setembro e dezembro de 1925 / **13**



Nos Bastidores do Congresso Espírita em 1925 por Claire Baumard a Biografia de Léon Denis (Extraídos da obra “Claire Baumard - Léon Denis na Intimidade”) / **19**



Congresso Espírita Internacional de Paris em 1925

Discurso do Sr. Léon Denis, presidente do Congresso, na reunião de abertura em 10 de Setembro 1925

Senhoras e Senhores,

A pedido de meus irmãos, abandonei minha aposentadoria onde vivi por 10 anos na meditação e na comunicação intelectual com o Invisível. Compareci a este Congresso para pronunciar algumas palavras de boas-vindas, de harmonia e encorajamento; para lhes oferecer os frutos, os conselhos da minha velha experiência.

Foi uma grande alegria para mim poder saudar, no último domingo, nesta mesma sala, os delegados das nações vindas para dar o testemunho do desenvolvimento global, diria mesmo, o triunfo de nossa causa.

Se eu olhar para trás e observar o caminho percorrido, posso dizer que segui, passo a passo, o desenvolvimento do Espiritismo na França, nestes 50 anos. Participei das lutas que tivemos que suportar para abrir espaço no nosso país, isto é, em um mundo petrificado pelo dogmatismo ou pelo materialismo.

Senti a obstinada resistência do bloco formado pelas opiniões hostis e dos interesses combinados; como todos os divulgadores do Espiritismo, eu sabia dos vários tipos de conspiração, do silêncio e dos ataques furiosos da calúnia e da difamação.

A tarefa foi difícil em alguns momentos, mas apesar dos obstáculos de todos os tipos, o Espiritismo prosseguiu o seu caminho, espalhando-se em todos os ambientes e hoje tenho a satisfação de ver, neste Congresso, o culminar de tantos esforços, a consagração de tanto trabalho e as primeiras luzes de um novo amanhecer.

Os conferencistas atuais, pouco podem compreender como foi o princípio que tivemos, mas gostaria de dizer que nas horas difíceis, o apoio do plano espiritual nunca nos falhou. Sempre nos sentimos apoiados, ajudados por forças radiantes e as intuições dos guias invisíveis e até nas oposições mais violentas, sentimos os eflúvios poderosos, as

correntes de inspiração nos sustentando.

Senti essa ação do plano espiritual, sobretudo quando apareceram as fraudes retumbantes que tornavam a situação muito delicada e conturbada. Também quero dar o testemunho de gratidão para com os grandes espíritos, cujo apoio nunca nos falhou e que, no momento presente, ainda paira sobre o Congresso, para inspirar os trabalhos e dirigi-los por um caminho certo, de uma forma segura.

Aqui, surge uma questão. Perguntaram-me, muitas vezes, no início deste Congresso, o que é o Espiritismo? O Espiritismo é apenas uma ciência, uma doutrina, uma religião? Analisemos a palavra religião, no seu sentido mais amplo e elevado e não no sentido cultural.

Bem, digo diretamente: o Espiritismo é mais do que isso, deixe-me explicar: em sua evolução ao longo dos séculos, o homem acreditava ter definido as fronteiras entre os diferentes domínios do pensamento. Ele compilou-as em divisórias estanques, criou os compartimentos. Em um, ele colocou a ciência, em outro, a filosofia e em outro, as religiões. E tudo se contradizendo, se combatendo e desses conflitos, resulta um estado de confusão, de incerteza que é a causa da maioria dos males da humanidade.

Ora, o Espiritismo, longe de se confinar nestes moldes antigos, nesses compartimentos estreitos onde o pensamento se estiola e se enfraquece, ele acaba por transbordar por todos os lados. O Espiritismo fez um esforço, não para destruir, mas para ampliar, expandir, para arrebatrar o espírito humano das rotinas do passado e fazer subir para estágios superiores do conhecimento, através de uma compreensão, uma concepção mais ampla, mais completa da vida universal; para uma síntese em que possamos unir e misturar um dia, todas as formas de pensamento e ciência.

O Espiritismo não é outra coisa senão o estudo da vida em sua realidade, na sua plenitude; a vida em suas duas formas alternantes: visível e invisível. Existem ainda poucos homens, e até mesmo estudiosos que conhecem a vida invisível e que tenham compreendido suas leis. No entanto, esta vida nos domina, nos envolve, nos enlaça. Saímos dos nossos nascimentos e mergulhamos de volta para a morte. A vida invisível é ilimitada no tempo e no espaço. Ela é pré-existente e sobrevive

a tudo, ao passo que a vida terrestre é apenas uma forma passageira de existência, fugaz como a sombra de um instante.

A vida invisível é a base das forças, dos poderes que animam o Cosmos; é o mundo das causas, das forças e das leis; sem a conhecer, nenhum homem, nenhum cientista jamais poderá resolver o enigma do universo.

Então, como podemos bloquear as manifestações desta vida imensa em moldes estreitos, em compartimentos apertados que a ciência nos deixou como legado? É por isso que não me canso de gritar a todos: ampliem suas estruturas e métodos, se vocês quiserem entrar neste caminho largo, nessa etapa nova que o Espiritismo abre ao pensamento e à ciência!

É evidente que diante das perspectivas que se abrem, as formas do passado e as estruturas da ciência humana são insuficientes para estudar o mundo invisível e as provas de sobrevivência após a morte.

O mesmo acontece com a religião, cujos dados sobre a vida no além são reconhecidos como imprecisos ou incompletos de acordo com o testemunho universal dos falecidos.

Quanto à filosofia, apesar da beleza que ela nos oferece, precisamos reconhecer que esses sistemas numerosos e contraditórios obscurecem mais que esclarecem sobre o problema do destino. Neste domínio ainda, o Espiritismo nos fornece uma síntese mais de acordo com a realidade e a verdadeira lei dos renascimentos.

Para compreender a solução profunda que o Espiritismo oferece nesse campo do conhecimento humano, devemos elevar-nos dos fenômenos vulgares e viver na intimidade dos grandes espíritos. Devemos recolher seus ensinamentos, como fizeram Allan Kardec e todos aqueles que seguiram seu conselho.

Maior que os fatos de ordem física, devemos dedicar atenção aos fenômenos intelectuais, o papel importante que eles merecem, como foi demonstrado, com autoridade, por Sir W. Barrett em seu belo livro recentemente publicado: 'No limiar do invisível'.

Somente então, poderemos calcular todo o alcance social do Espiritismo e suas vastas consequências, apreciar toda a grandeza e beleza de uma revelação que traz consolo, esperança, força moral para a pobre humanidade em sofrimento.

Vocês já perceberam a transformação que ocorre lenta e silenciosamente - não digo fisionômica - melhor dizer pela alma de nosso planeta, por quase um século, ou seja, desde o surgimento do Espiritismo? Das forças novas que entraram em ação, porque o mundo invisível está trabalhando, e os choques dos conflitos gerados pelo encontro de correntes novas com as forças resistentes do passado, resulta em um estado de confusão e desordem que, por vezes, assemelha-se ao caos. Mas, o observador atento, no meio desta confusão, sabe discernir a ação das forças que trabalham para a preparação de uma nova ordem.

Bem, a esta humanidade que se eleva ardentemente, apaixonadamente, ávida de viver e de crescer, precisamos de formas novas, deve ser uma crença, um credo universal que possa unir todos os pensamentos e corações em uma aspiração comum para o bem, para a beleza suprema, para Deus! E isso será a obra de realização futura que o Espiritismo é o propulsor.

Para encerrar, quero lembrá-los de algo essencial; na marcha da humanidade, nesta marcha para o destino, para a verdade, a luz, para esse objetivo distante que se chama perfeição, vocês estão na vanguarda desta caravana humana e devem servir de guias.

E esta situação privilegiada também impõe grandes deveres e pesadas responsabilidades: o dever de manter, defender, de afirmar para o mundo inteiro, os princípios formulados por Allan Kardec e pelos apóstolos anglo-saxões, os princípios do novo espiritualismo, que no meio da confusão e desordem moral de nosso tempo, parece ser um dos últimos refúgios do pensamento, uma suprema esperança e talvez mesmo, uma forma de salvação para a pobre humanidade ainda presa, em tantos pontos, à matéria.

É por isso que exorto-os a descartar de seus trabalhos, seus debates, tudo que seja suscetível de enfraquecer, de minar esses princípios consagrados em todos os congressos anteriores. Esses princípios são um legado precioso, eles devem ser aperfeiçoados em seus estudos mais brilhantes, mais vivos que nunca, para preencher o mundo com seu papel renovador, regenerador. (Aplausos.)



Discurso do Sr. Léon Denis, presidente do Congresso na Sessão de encerramento em 12 de setembro 1925

Irmãos e irmãs na fé, os congressos anteriores foram, como sabem, etapas deste grande movimento de ideias que se chama Espiritismo. Todos esses congressos, particularmente, o de Paris em 1900, de Liège e Genebra mais recentes, tiveram como base de seus trabalhos e afirmados por suas conclusões, os princípios do Espiritismo desenvolvido por Allan Kardec, reunidos pelos ensinamentos dos Espíritos de todas as partes do mundo.

Durante as discussões e em todos os trabalhos, os congressistas tomaram o cuidado de excluir qualquer coisa que possa dar ao Espiritismo um caráter dogmático, um caráter místico ou sectário; deixando, assim, o Espiritismo aberto a todo progresso, todos os desenvolvimentos futuros, e isso em resposta a aqueles que afirmam que o Espiritismo é uma ortodoxia, enquanto que ele é uma filosofia viva e livre, que evolui no caminho dos conceitos do pensamento e da ciência.

Desses trabalhos, desses debates, formou-se uma forte corrente de opinião, uma corrente que cresceu, que se acentuou e que se tornou uma força regenerativa, uma corrente que penetrou em toda parte, como vocês podem ver ao seu redor, na literatura, nas artes, mesmo no jornalismo, e acabou chamando a atenção de todos.

E agora, neste Congresso de 1925, que se vem coroar magnificamente todos esses esforços, todos esses longos trabalhos. Vocês afirmaram em suas consciências, em suas almas, em suas mentes, os mesmos princípios que defendemos há meio século e foram consagrados pelos congressos anteriores. Não houve negação, não houve divisão, mas sim uma sequência, uma harmonia de um mesmo pensamento que evoluiu, que se perseguiu ao longo dos tempos. Mas, vocês trazem consigo algo mais, vocês trazem uma coisa nova: a federação, esta organização já forte e poderosa, porque ela se estende até os confins da Terra e que reuniu, agrupou para fazer andar para a frente, todas as forças da mente, inteligência e coração. E isso será mais tarde, uma alavanca capaz de elevar o mundo do pensamento e da ciência.

Além disso, quando a história registrar o início deste grande movimento de ideias, ela vai reconhecer o seu trabalho, seus esforços e suas intenções.

Vocês podem se sentir orgulhosos de sua obra, da parte que vocês tiveram parte, e quando vocês retornarem a suas pátrias, a seus lares, vocês poderão dizer a todos que o Espiritismo está bem vivo e que emergiu mais forte e mais poderoso do que nunca, depois destes trabalhos do Congresso.

Hoje, o poder do Espiritismo e seu importante papel aparece a olhos vistos. Todos compreendem que ele fornece uma solução para muitos problemas e uma cura para muitos males. Vocês viram e acompanharam os esforços das nações para estabelecer a paz universal. Vocês sabem que a Inglaterra e a França, têm graves problemas sociais que nos preocupam. Na França, por exemplo, temos o grave problema da reforma da educação, a criação de uma educação popular que arranque das gerações as sugestões do egoísmo, do materialismo e anarquia. Vocês têm em suas mãos, os meios de facilitar as reformas e o progresso.

Vamos nos separar, mas, primeiramente, deixem-me dirigir os mais calorosos agradecimentos, um agradecimento cordial a todos nossos colaboradores dedicados, e, principalmente, a nosso secretário geral, que realizou uma tarefa árdua com uma facilidade, uma animação que todos admiramos. Agradeço a todos esses homens dedicados e generosos aqui presentes, que fizeram a sua contribuição à obra de elevar o pensamento e a ciência. Agradeço à imprensa que se dispôs a acompanhar, solidária, o nosso trabalho e nossos esforços em difundir o Espiritismo no mundo.

Não quero esquecer ninguém, e agradeço a todos que têm gentilmente mostrado atenção e perseverança contínua em nossas sessões.

Permitam-me, finalmente, contar uma anedota, uma lembrança:

No Congresso em 1900, que presidi, os delegados espanhóis, Aguarod e Estèva Marata, chegaram a Paris entusiasmados, dizendo: 'Nós vamos encontrar na pátria de Allan Kardec, uma organização digna do Espiritismo e uma instalação semelhante ao tamanho e poder da ideia.' Depois de uma visita ao Père-Lachaise, eles procuraram o centro de reunião do Espiritismo em Paris. Mas, os espíritas parisienses eram pobres. Depois de muita pesquisa, eles finalmente encontraram na rua

Faubourg Saint-Martin, no final de um corredor, uma construção de tábuas, que talvez tenha sido uma estrebaria, e que era apropriada às reuniões espíritas. Esta construção somente foi fechada porque não podíamos usar aos domingos, e foi para esses delegados uma grande decepção. Eu mesmo, tive um momento difícil para restaurar a opinião que eles poderiam ter do Espiritismo francês. Mas, aos poucos, pelas manifestações fraternas e, especialmente, pelos discursos vibrantes que foram pronunciados no final do Congresso, novamente pude despertar neles o entusiasmo que parecia ter acabado.

Hoje, o congresso não se realiza mais em uma construção de tábuas, mas em um magnífico hotel, admiravelmente adequado para todo tipo de necessidade de nossa causa, oferecendo vários tipos de serviços. Isto é uma obra completa e harmoniosa. Este local, que todos conhecem, na rua Copernic, tem também um instituto que possui todas as melhorias necessárias para experimentação. Tudo isso é devido ao senhor Jean Meyer, que tenho a felicidade de expressar a gratidão de todo o Congresso pelos enormes sacrifícios que ele fez para conseguir dar ao nosso trabalho uma figura digna dele, digno de respeito e consideração por todos. Exposto isso, quero lembrar também, a perseverança, a determinação firme, no meio de inúmeras dificuldades, daqueles que colaboraram com o senhor Jean Meyer, que possibilitaram-nos de preparar estes grandes fundamentos do Espiritismo e garantir o sucesso.

Finalmente, agradecer, especialmente, nossos irmãos ingleses, estadunidenses, e de todas as outras nações que vieram participar do nosso trabalho, incluindo sir Arthur Conan Doyle, que deu um forte impulso à opinião espírita e influenciou através de suas palavras vibrantes, a imprensa inteira francesa. Nunca esqueceremos sua ajuda, e cada vez que ele retornar a França, assim como vocês, meus irmãos e irmãs, serão saudados de uma forma absolutamente sincera e fraterna. Quero também agradecer a Lady Conan Doyle, que gentilmente acompanhou o famoso escritor, conhecido mundialmente, porque ele semeou no mundo as sementes da verdade e da fé.

Vamos nos separar, e talvez, não nos reencontremos novamente neste mundo, mas certamente, iremos nos rever novamente no outro, e nós continuaremos a trabalhar para servir à causa da verdade, que espalhamos,

sempre que podemos, os raios do sol nascente chamado Espiritismo!

Para finalizar, peço que as bênçãos do plano espiritual caiam sobre vocês, peço às correntes do poder divino, para que penetrem e fecundem suas almas e que os ajudem a manter a dedicação, a coragem, esta abnegação que os ajudará a enfrentar os desafios da vida, e vocês triunfarão sobre o ceticismo e materialismo, espalhando pelo mundo, a fé e convicção que existem em seus corações. (Aplausos.)

Após os aplausos que saudaram o fim do discurso do venerável presidente deste Congresso, nosso simpático irmão, senhor Oaten, delegado da Grã-Bretanha, o secretário de 'The Two Worlds', expressa o prazer dos espíritas ingleses de ver o sr. Léon Denis, que muitos só conheciam pelo nome. Agradecemos ao sr. Meyer e todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para este grande trabalho do Congresso, e da bela exibição, cujo mérito pertence ao sr. Pascal Forthuny.

As divergências de opinião, disse ele, que parecem existir ou que se apresentam entre os irmãos franceses, ingleses e estadunidenses são, na realidade, apenas aparentes. Principalmente, elas são diferenças de palavras, de educação, da influência exercida pelas nossas culturas. Sr. Oaten vê precisamente na união estreita de todos os espíritas nas fundações mundiais, como a única oportunidade de superar as dificuldades e dar à luz os primórdios da fraternidade humana a que estamos comprometidos. Portanto, precisamos comparecer no próximo Congresso Internacional.

Dr. Wallace, membro da 'Société de Recherchés Psychiques' de Londres, endossou as palavras do sr. Oaten e agradece, por sua vez, em nome da 'London Spiritualist Alliance', e aos organizadores do Congresso.

O reverendo sr. Grimshaw, que representa a maior entidade de encontro dos espíritas do mundo: a 'National Spiritualist Association de New York', Estados Unidos, e nos comunica seu prazer de estar conosco. Parabenizou a criação da 'Fédération Spirite Internationale', como o meio mais eficaz e prático para que esta fraternidade possa se tornar universal e real, não só em palavras, mas materialmente. Ele diz que se for necessário

divulgar na América para que ela se ligue à 'Fédération Spirite Internationale', essa palavra será dita por ele, da Califórnia até o Estado de Nova York.

Sra. Cadwallader, editora do principal jornal 'The Progressive Thinker', agradece também, como nossos irmãos ingleses. Ela anuncia ao Congresso que espíritas estadunidenses decidiram erigir um monumento afirmando a doutrina espírita, que será construído em memória dos fatos de Hydesville, onde foram observados as primeiras manifestações. Este monumento, cujo princípio foi adotado por todos, terá como objetivo mostrar toda grandiosidade, toda a ação moral e social e todos os objetivos almejados pelos movimentos espíritas em geral. A sra. Cadwallader promete traduzir em jornais estadunidenses, o grande esforço que tem sido feito para a união internacional.

Querendo prestar uma homenagem a Allan Kardec, ela agradece àqueles que em Hydesville, chamaram a atenção do universo sobre esta declaração: 'A morte não existe!'

Sr. Mack, que representa o importante movimento inglês em favor da infância, pensa que a atenção que o Congresso deu a esta grave questão se traduz pelas realizações que se propagam de acordo com o possível.

Sr. Rishi, o corajoso delegado da Índia, depois de agradecer também, como os outros, diz que na Índia, milhões de hindus reconhecem nossas teorias de uma forma bastante normal. Ele expressa a esperança de que, algum dia, o Congresso espírita seja realizado na Índia.

Sr. Allans saúda-nos da Califórnia, onde o dr. Schild organizou o ensino do Espiritismo, para tornar ajudar os homens a compreender a fraternidade que os une.

O sr. Beversluis, delegado da Holanda, recita um delicado poema espírita que lamentamos não poder reproduzir aqui por falta de oportunidade.

Após os discursos, o Sr. Léon Denis sobe novamente ao palco e pronuncia as seguintes palavras:

Queridos irmãos e irmãs,

Vocês afirmaram e tornaram mais estreita a colaboração entre os dois

mundos, visível e invisível. Vocês realizaram uma intervenção mais intensa dos espíritos na evolução humana, em sua participação em nossos trabalhos e esforços para tornar a humanidade mais sábia, mais esclarecida e feliz. Que as forças invisíveis os ajudem, que os raios celestes os protejam, para que pelo resto de suas existências, vocês possam trazer o seu apoio a esta grande obra. Que os seus pensamentos sejam sempre unidos para o bem comum, o bem da humanidade.



Discurso Sr. Léon Denis extraídos da Revista Espírita do mês setembro e dezembro de 1925, pronunciado por ocasião Congresso Espírita Internacional de Paris de 6 a 13 de setembro em 1925.

Discurso do Senhor Léon Denis

Membro de honra da Federação Espírita Internacional - presidente do Congresso

Senhoras e Senhores,
Irmãos e irmãs na fé,

Depois de agradecer ao presidente inglês do Congresso por essas belas e generosas palavras que ele dirigiu a mim, estou feliz em poder saudá-los e dar boas-vindas em nome dos espíritas franceses.

Tenho o prazer de saudar os delegados das nações que vieram dos lugares mais remotos do mundo para participar de nossos trabalhos. Saúdo a todos aqueles que não hesitaram em deixar suas casas, em alguns casos, de percorrerem longas distâncias para cooperar conosco na obra de concórdia e união fraterna. E estou, particularmente, muito emocionado em ver entre nós, a numerosa delegação britânica, porque como sabemos, são os nossos irmãos ingleses que, no momento, portam a bandeira do Espiritismo com mais firmeza, e gostaria de dizer-lhes que o Espiritismo e o Espiritualismo são apenas duas palavras para definir o mesmo princípio e a mesma doutrina, como foi estabelecido através de um forte argumento pelo professor Barrett em seu magnífico livro que publicou antes de morrer - sua última obra - que é uma síntese maravilhosa do Espiritualismo, e que tem por título: 'No limiar do invisível'. Saudamos nossos irmãos ingleses efusivamente, assim como saudamos a todos de outras nações, em nome de nossas crenças comum, em nome da grande causa que servimos. (Aplausos.)

É provável, senhores, que muitos de vocês estejam aqui pela primeira vez, e ainda assim, todos nos sentimos unidos por essas conexões poderosas, pelos laços espirituais que unem as almas na fé sincera, nas

aspirações ardentes para a verdade e a luz. Não seria esse, o laço por excelência, o vínculo indestrutível que une as almas como membros de uma mesma família, assim como a Terra se une ao espaço. Porque todos nós sabemos que acima de nossas pequenas pátrias terrestres, acima de nossas pátrias humanas, mais acima de nossas diferenças de língua e raça, existe a grande pátria eterna, de onde todos saímos ao nascer, e que retornamos na hora da morte para nos encontrarmos na pátria das almas, lugar onde não existem os limites e fronteiras, porque é o campo imenso da evolução, a evolução de todos os seres em sua ascensão lenta e gradual em direção a Deus. (Aplausos.)

Deixe-me lembrá-los de uma grande lei da história, trata-se da marcha dos povos para a unidade e nesse ponto de vista, vocês sabem que a nossa época é dominada por um evento significativo, isto é, a fundação após a guerra, da criação da Sociedade das Nações. Assim, as pessoas demonstraram sua vontade de se reunirem, de se entenderem, de acabarem os conflitos sangrentos, as lutas fratricidas que, de vez em quando, dilaceram cruelmente a humanidade.

Mas o que aconteceu? É que desde as primeiras assembléias, das primeiras reuniões, tivemos que reconhecer que as almas das nações tinham mentalidades diferentes, tinham pontos de vista diferentes, tinham interesses opostos ou mesmo contraditórios. Tivemos que reconhecer que as opiniões, gostos, tendências não ofereciam mais uma convergência, uma homogeneidade necessária para alcançar a harmonia. O que fazer, então? O que estava faltando? Não era pela ordem econômica, nem política, nem mesmo pelas religiões que mutuamente se excluía, que poderíamos encontrar elementos para uma forte concordância em um longo acordo!

Eis o que faltava: a fé comum. Quando uso a palavra 'fé', é no sentido de crença, de uma convicção profunda, de um desejo ardente. Faltava, então, uma fé comum baseada na ciência, na razão, apoiada em provas experimentais que têm um caráter universal, global. Provas que ensinam aos homens, aos povos, o verdadeiro significado, o significado profundo da vida, que os façam conhecer as grandes leis da justiça, do progresso, que dominam todas as coisas e, acima de tudo, a grande lei da consequência dos atos com as responsabilidades inerentes a eles, com as

repercussões que esses atos trazem através dos tempos, dos séculos e sempre recaem sobre seus autores. Faltava uma fé livre, independente de dogmas, uma fé positiva, mas bastante forte para fazer convergir todas as vontades, todos os esforços, todas aspirações para este objetivo essencial de toda a existência humana: a evolução. A evolução na plenitude de recursos, dos meios de ação que possui o nosso planeta, este planeta que não passa de uma etapa da estrada sem fim. (Aplausos.)

O que era necessário, Senhores, era uma fé suficientemente forte para ensinar ao homem vencer suas paixões, a dominar seus interesses próprios, seus instintos egoístas, para cooperar com a ordem e a harmonia geral. É o cimento necessário, o cimento indispensável para toda obra poderosa e durável, enquanto o edifício social e mundial esteja desprovido, então! Não haverá segurança, nem paz, nem um futuro tranquilo. Na verdade, eu pergunto: como poderíamos sonhar em fazer um acordo entre interesses diversos? Como poderíamos fazer valer a harmonia, a justiça nas instituições sociais, se não sonhamos, em primeiro lugar, a fazer penetrar essas coisas nos nossos espíritos, nos nossos pensamentos e consciências? Se vocês me perguntarem de onde virá esta fé, essa crença, responderei: do Espiritismo, do Espiritualismo, como dizem os nossos irmãos britânicos, é a revelação dos Espíritos que nos une a todos aqui pela mesma tarefa, que nos faz comungar em um mesmo pensamento, em um mesmo coração, em uma obra elevada e séria; é o Espiritismo, que penetrará em todas as esferas da vida, que contribuirá ao longo do tempo na educação das massas; é ele quem nos dará a fé superior, esta fé livre, esta fé positiva que vai ser um grande socorro, uma ajuda incomparável para a solução dos problemas sociais, e também consistirá em fazer - não digo a unidade, isso não é possível - mas, pelo menos, um acordo entre todas as nações. (Aplausos.)

No momento, fala-se muito em segurança. É provável que no momento em que nos encontramos, nossos estadistas se reúnem em Genebra para assinar o que se chama o pacto de garantias contra os conflitos futuros.

Mas é possível confiar em uma segurança de longa duração enquanto os homens se baseiam na força física? Para nós, espíritas, a segurança só pode surgir a partir da força moral, da vontade coletiva de concórdia, paz e harmonia. Para isso, temos que levar em conta duas coisas essenciais.

Primeiro, ignorar, na medida do possível, os interesses materiais. Sobretudo, teríamos que comungar um mesmo ideal superior, a mesma ideia, a mesma compreensão da vida e sobrevivência; apoiada sobre a ciência dos fatos, nos testemunhos do além-túmulo, que foram coletados em vários países, baseados sobretudo nesta noção, na grande Lei da Justiça, que governa todos os atos, fixando as repercussões pelos tempos para todos os indivíduos e povos.

Esta concepção que as religiões nos passaram, de uma forma incompleta, imprecisa, o Espiritismo vem oferecer ao pensamento, à consciência das gerações. E é por isso que temos o dever de manter, de afirmá-la na sua integridade e plenitude. Temos o dever de afirmar para o mundo, e esta será a obra deste Congresso, suas obras. Senhores, acreditamos que esta obra seja o instrumento essencial, o instrumento absolutamente necessário para alcançar a renovação moral e a pacificação universal. (Aplausos.)

Talvez, alguém me dirá: é uma utopia, uma quimera. Já nos foi dito isso antes. Nos disseram que é um sonho, um belo sonho, mas tenho um bom argumento e posso responder a nossos adversários sobre este ponto; esta Federação, que se constitui não é a prova de nossas aspirações. Nossas esperanças são plausíveis de serem realizáveis? Esta Federação ainda está na fase de infância, mas gradualmente ela se fortificará, ela crescerá, ela já tem representantes de todos os lugares, de todas as nações, e não é demais esperar que ela se tornará ainda mais forte, mais poderosa. Ela provocará um movimento de opinião que impressionará o mundo inteiro em direção a horizontes mais amplos, menos carregados de nuvens escuras, para um futuro menos cheio de perigos e ameaças e, finalmente, a Humanidade poderá ver brilhar uma época mais feliz, mais calma, mais isenta de paixões, de erros que perturbam o trabalho de desenvolvimento e evolução. (Aplausos.)

Senhores, antes de finalizar, não é um dever recordar a memória daqueles que fundaram e traçaram as bases desta obra que cresce lentamente, mas, que um dia abrigará o pensamento e a consciência das gerações? Honremos esses homens esforçados, que mantiveram a calma, não tiveram medo de afrontar a opinião hostil, de proclamar sua convicção e o resultado de seus trabalhos. Em primeiro lugar, coloco os

cientistas ingleses, de William Crookes até Lodge, passando por R.Wallace, Myers, Barrett, sem esquecer o nosso amigo Conan Doyle, que deu um grande exemplo. Muitas vezes cito o exemplo dos cientistas ingleses e a coragem com que eles enfrentaram o público. É a eles que hoje podemos ver subir este magnífico edifício do pensamento, da ciência humana.

Precisamos reconhecer que não temos na França para apresentar também um grande número de nomes gloriosos, mas temos nossos pioneiros, nossos combatentes, nossos eruditos laboriosos. Vou citar apenas alguns nomes, e lembrarei, sem mencionar Allan Kardec, o grande pioneiro que tem seu lugar à parte, mas citando no campo experimental, exclusivamente científico, citarei dr. Paul Gibier, o Coronel de Rochas, dr. Geley, Camille Flammarion e outros nomes que vocês conhecem de cabeça e que falarão depois, mais longamente. É graças a esses homens que a ciência francesa por tanto tempo refratária, relutante ou indiferente, começa a se envolver pouco a pouco no caminho que pela força das coisas e pelo poder da verdade, a conduzirá a constatar a existência do mundo invisível com o qual pudemos entrar em contato e de onde nos vieram as inspirações e a coragem necessária para prosseguir o nosso trabalho laborioso.

Sim, a ciência começou a se interessar pelas forças invisíveis, pela telegrafia e telefonia sem fio, e depois foi obrigada a admitir que a radioatividade não era apenas a propriedade de certas substâncias químicas, mas que todos os organismos vivos poderiam emitir eflúvios e radiações.

Hoje mesmo, o Professor Casamalli de Milan veio estabelecer a realidade desses eflúvios, destas radiações dos cérebros humanos que podem fazer vibrar a distância os aparelhos receptores. É assim, aos poucos, que a ciência avança por um caminho que a conduzirá para este oceano de força e para a vida invisível que nos rodeia, domina, nos submerge de alguma forma, que até agora nós a ignoramos e que contém riquezas, tesouros incalculáveis.

O dia não está longe, quando a ciência será forçada a reconhecer a existência dessas grandes correntes de ondas, esses feixes radiantes que podem transmitir o pensamento de um mundo a outro, que ligam todos os

seres e mundos e que por essas inspirações superiores podem descer de um plano mais elevado para nós. No dia quando em que a ciência constatar isso, ela será obrigada a reconhecer, conseqüentemente, a possibilidade das comunicações espíritas, a possibilidade de comunicações entre esse enorme mundo invisível e o mundo da Terra. Assim, todas as mentes e corações poderão brilhar na mesma convicção e crença baseada em um conhecimento mais perfeito, mais completo, mais extenso da obra divina em seu admirável equilíbrio e sua beleza eterna. (Aplausos.)

Para encerrar, evocarei a lembrança de todos aqueles que, há alguns anos, na frente inglesa e francesa, caíram defendendo nosso solo, lutando pela liberdade do mundo e que, de seu sangue, selou-se o pacto entre nossas duas nações, entre nossas duas raças, pacto de aliança que vai, gradualmente, espalhando-se para todos os povos e provocando este grande movimento espiritualista que já me referi. Será que não devemos recordá-los? Eles estão lá, pairando acima de nós, inspirando o nosso trabalho, estimulando nossa marcha, Muitos deles estão reencarnados, enquanto outros reencarnarão para seguir conosco nos combates do pensamento, dissipando os erros, as sombras do passado, e afirmando aos poucos, apoteose gloriosa. Lembro-me, porque parece que ouço suas vozes unidas a todas aquelas que mencionei anteriormente dizendo: Eleve seu pensamento até nós, para que em uma comunhão íntima e profunda, nós asseguremos nesta humanidade a passagem, o triunfo, a dominação do espírito sobre a matéria, o triunfo da alma sobre o corpo e divulguemos a todos a verdadeira finalidade da vida, a ascensão para o futuro esplêndido que nos espera e que nos recompensará de acordo com os méritos e esforços que tivermos feitos em nome do Bem, pela causa da Verdade. (Aplausos.)



Nos Bastidores do Congresso Espírita em 1925 por Claire Baumard a Biografa de Léon Denis

Extraídos da obra “Claire Baumard - Léon Denis na Intimidade”

IX

1925: o Congresso de Paris

Léon Denis havia, em 1900, presidido ao Congresso de Paris; nessa época os espíritas parisienses não tinham por centro de suas reuniões senão uma construção de madeira ao fundo de um pátio, rua do Fauburg Saint Martin. Eles ficaram muito felizes depois da guerra graças a uma mecenas: o Sr. Jean Meyer. Tiveram uma organização à altura de sua grandeza e da força de sua doutrina. O mestre não conhecera nada desta organização material; durante a guerra sua cegueira havia crescido, ele havia vivido à parte do mundo, confinado em sua casa.

O anúncio de um Congresso para 1925 deixou Léon Denis pensativo; ele hesitava em julgá-lo oportuno. A Federação Espírita Internacional, tendo sido fundada recentemente, levava o mestre a pensar que teria sido preferível deixar este grande organismo espiritualista funcionar durante alguns anos antes de sonhar em ocupar os membros em um Congresso. Todavia ele não tardou a mudar de apreciação, A Revista Espírita consagrava a cada mês uma de suas páginas à preparação deste Congresso. Nós líamos com interesse os preliminares que se seguiam aos programas dos trabalhos e que continham a convocação do Comitê de Organização, endereçada aos congressistas. Foi com uma atenção suspensa que o escritor ouviu esta leitura, fez sublinhar algumas passagens que pareciam refletir com particular importância, e se declarou muito satisfeito com os assuntos propostos no programa. O Sr. Jean Meyer, a quem foi mandada a apreciação, exprimiu-lhe sua alegria e insistiu para que ele tomasse parte nestas grandes realizações espiritualistas; perguntou-lhe se não teria por bem representar o Brasil ou

o México. Em sua resposta, Léon Denis fez reservas invocando sua idade avançada e sua enfermidade que lhe tornavam todas as viagens difíceis.

O mestre expôs a situação a seus guias em uma reunião íntima e estes o encorajaram a aceitar a participação no Congresso, porém ele lhes objetou o que chamava “o fardo de suas enfermidades”.

– É presumir de minhas forças, em minha idade, presidir a um Congresso – disse-lhes ele –; Flammarion me substituirá muito bem!

Léon Denis havia apenas pronunciado estas palavras quando foi interrompido por seu médium que num tom nítido e firme lhe respondeu:

– Flammarion não estará lá.

– Como?! Flammarion se absterá? – respondeu Léon Denis espantado.

– Não, ele não estará lá!

Nenhuma palavra foi acrescentada e as pessoas presentes não puderam de forma alguma supor a morte próxima do célebre astrônomo. Três meses depois, ela sobrevinha. Tomando conhecimento dela o mestre glorificou diante de nós o eminente sábio cujas obras já haviam maravilhosamente vulgarizado uma ciência árida, colocando-a assim ao alcance de todas as inteligências.

Então foi iniciado um trabalho opinativo, boas vindas, a locução prévia à abertura do Congresso, refutações possíveis aos metapsiquistas, discursos de encerramento; tudo isto foi elaborado; Léon Denis ditou em seguida seu trabalho: “História do desenvolvimento do Espiritismo em Tours”.

O mestre estava em perfeita saúde; com sua habitual independência de caráter ele procedeu sozinho aos preparativos de sua viagem; na 5ª feira, 4 de setembro, ele partia para Paris acompanhado de Gaston Luce, devendo desde o dia seguinte assistir na “Maison des Spirits”, 8 Rua Copernic, à reunião do Comitê Geral e à Assembléia Geral da Federação Espírita Internacional. Os dias que se seguiram foram um arrebatamento. Subjugados pelo encanto da palavra do mestre, desde a primeira sessão plenária na sala da “Sociedades Sábias” os espíritas deviam, três vezes ainda nesta mesma sala, fruir de seu talento prestigioso. O orador ultrapassou a si mesmo, ele conduziu os debates com uma juventude de espírito, com uma facilidade de elocução notáveis. Seu tato habitual, seu bom humor e sua urbanidade encantaram os espectadores. Que majestade

revestia o apóstolo quando seu belo gesto de portador da tocha acompanhava suas vibrantes perorações! O ensinamento que o ancião sintetizava em sua palavra era como uma viva luz iluminando as delicadas questões da experimentação e de tudo que diz respeito ao Espiritismo” Os congressistas guardarão para sempre a lembrança de Léon Denis muito pálido, pronunciando seu magnífico discurso de boas vindas diante dos representantes espíritas de 22 nações.

“Nós vos saudamos a todos – disse ele – a qualquer nação que pertenceis, em nome de nossas crenças comuns, em nome da grande causa a que servimos. É provável, senhoras e senhores, que muitos dentre vós se encontrem aqui pela primeira vez e, entretanto, nós vos sentimos a todos reunidos pelos laços poderosos, pelos laços espirituais que unem as almas em uma fé sincera, uma aspiração ardente, para a verdade, para a luz; e, não é este laço, por excelência, o laço indestrutível que reaproxima as almas como membros de uma mesma família e, ao mesmo tempo, une a Terra ao Espaço? Pois todos nós sabemos que, acima de nossas pátrias humanas, mais alto que nossas diferenças de línguas e de raças, há a grande pátria eterna, de onde todos saímos por ocasião de nosso nascimento, para onde retornamos todos após a morte, para nos encontrar nesta pátria de almas, que não tem fronteiras, que não tem limites, porque é o campo imenso da evolução de todos os seres em sua ascensão lenta e gradual para Deus.”

O mestre definiu em seguida a finalidade e o futuro do Espiritismo. Este longo desenvolvimento foi frequentemente interrompido pelos aplausos e várias vezes cortado pelo tradutor inglês. Nem a mínima hesitação nos períodos; os oradores, mesmo os mais jovens conferencistas, tinham necessidade de recorrer ao texto para que o fio de seus discursos não fosse interrompido. A todos o mestre dava a impressão de contar com seu pleno controle cerebral.

No dia 10 de setembro, Léon Denis pronunciou o discurso de abertura; foi uma bela alocução onde estava traçada a história do Espiritismo desde há cinquenta anos, com suas numerosas tribulações, mas também com seu soberbo desenvolvimento. Ele terminou mostrando aos espíritas do mundo inteiro que a pesada responsabilidade e que a grandes deveres estavam incumbidos.

A intervenção do Sr. Valabrègue forneceu ao mestre oportunidade para uma magistral improvisação. O debate era sobre a Liberdade de Consciência. O Sr. Valabrègue partira para o combate após ter ouvido o discurso de Léon Denis e a relação muito interessante do Secretário Geral, Sr. Ripert. Ele exclamara:

“Eu, eu não adoto vossa afirmação porque ela não proclama a liberdade de consciência.”

A isto Léon Denis replicou:

“Fizemos a revolução para ter a liberdade de consciência; nossos pais derramaram seu sangue para ter liberdade de consciência, creio que ela existe e que irradia sobre a França inteira. Após a leitura do relatório discutiremos esta questão que me parece, entretanto, supérflua, porque a liberdade de consciência existe, ela é mantida e contra ela ninguém se poderá opor nem combatê-la.”

Após diferentes leituras de comunicações (as do Dr. Maxwell, procurador geral da Corte de Apelações de Bordeaux e de Sir Oliver Lodge), a palavra foi dada ao Sr. Valabrègue; ele dissertou longamente, foi eloquente, interessante, mas a grande maioria da assembléia não aprovou a diatribe que fazia aos espíritas, a reprovação de ortodoxia e de não ter feito do amor, a base e o princípio essencial de sua doutrina.

Não tirávamos os olhos do mestre que, um pouco curvado sobre a mesa, ouvia atentamente seu contraditor, parecendo contrair-se sobre si mesmo como um lutador que prepara suas forças antes de medir-se com seu adversário. Ele se ergueu quando o Sr. Valabrègue terminou e fez uma magnífica improvisação:

“Senhoras, senhores – disse ele –, permiti-me resumir este debate em algumas palavras; segui com atenção os discursos muito eloquentes e espirituais do Sr. Valabrègue e me pergunto agora em que, realmente, suas opiniões diferem das nossas. Eu não vejo nenhuma diferença, senão quanto à maneira de exprimir. No fundo estamos perfeitamente de acordo e, neste caso, por que discutir? Ele nos falou de Cristo e de seu grande amor. Mas todos nós admiramos o Cristo e todos nós nos prosternamos com respeito diante desta grande figura que domina os séculos e permiti-me lembrar que o Cristo não apenas deu um exemplo magnífico de devotamento e sacrifício, mas nos trouxe também um ensinamento: a

razão de sua encarnação sobre a Terra. Ele veio dar-nos um conhecimento de Deus, da alma e do destino, princípios que, infelizmente, não se aplicam mais em toda sua beleza e em toda sua grandeza. É precisamente nossa obra fazer com que revivam; é por isso que estamos reunidos, que trocamos opiniões, que sofremos há cinquenta anos para reconstituir e dar à humanidade o ensinamento do Cristo; por fim, permiti-me dizer-vos: haveis pronunciado a palavra ortodoxia; Espiritismo não é uma ortodoxia no sentido de doutrina fechada, de doutrina rígida, é simplesmente uma representação livre do pensamento, é uma evolução, é uma etapa para a verdade integral, para o infinito. Allan Kardec não disse que o Espiritismo permaneceria aberto a todos os desenvolvimentos do futuro e, por consequência, a todas as manifestações do pensamento e da Ciência? Mas justificamos estas palavras, incorporamos em nossos trabalhos, em nossas obras todos os progressos, todos os conceitos das ciências, fizemos melhor do que isto, indicamos os caminhos, as rotas a seguir. Foi graças a nós que os sábios entraram em nossas vias, no estudo do mundo invisível, no estudo das forças invisíveis; foi graças aos nossos estudos e às nossas pesquisas. Quem foi, enfim, que falou em primeiro lugar, nos tempos modernos, do fluido, da mediunidade, do corpo astral? Foram os espíritas! Atualmente ainda, todos os sábios, todos os metapsiquistas, não fazem senão caminhar sobre nossos traços, e seguir o caminho que percorremos há muito tempo. Pois bem! Caro amigo, permiti-me dizer-vos, todos os nossos esforços convergem para o objetivo do qual haveis entrevisto a hora.

Falastes de consolações a dar à humanidade, àqueles que sofrem, mas calculais todas as provas e todos os sofrimentos e todas as dores que o Espiritismo consolou? O Espiritismo não é simplesmente um ensinamento que repousa sobre base certa, é um critério que desafia contradições. O Espiritismo é um ensinamento para o mundo inteiro. Ensina-se por toda parte a reencarnação, os princípios do amor, e é isto que faz a base do Espiritismo; jamais nenhuma doutrina apoiou-se sobre um critério tão universal.

Esse sentimento de amor de que falais é a própria base do ensinamento espírita, como do ensinamento cristão.

Ele não é escola, doutrina, ensinamento, qualquer que seja sua forma e

que não tenha seus princípios. Nós temos princípios que ultrapassam os outros neste sentido de que eles nos vêm do Alto, de todos os pontos da Terra e que concordam entre si nos pontos essenciais.

Nesta reunião, em que todas as nações estão representadas, os anglosaxões parecem se diferenciar de nós em certos pontos, mas a fusão que se opera – tendes a confirmação em obras, em telegramas e em manifestações do pensamento – demonstra que uma ideia, imensa, bela, sublime, se ergue acima das contingências e faz irradiar seu poder e sua bondade sobre o mundo. Estamos todos de acordo; diferimos em termos e expressões, e se o Sr. Valabrègue quiser refletir, verá que estamos todos unidos em um mesmo sentimento de fraternidade e de união e que marchamos todos no mesmo passo para horizontes melhores, para dias mais belos para a humanidade!”

Na sessão de 11 de setembro, o Sr. Viguier permitiu igualmente ao mestre fazer uma bela interpretação, fazendo notar que os espíritas, tendo, na exposição de sua doutrina, o princípio da crença em Deus, só fazem adeptos entre os materialistas.

“Sou do parecer – acrescentou ele – que nossa filosofia não tem nenhuma relação com a crença; o que importa, sobretudo, é interessar as massas no Espiritismo. Estimo que os princípios de nossa filosofia não devem trazer nem negação nem afirmação concernentemente à divindade, esta do domínio da fé, e é preciso conceder, a este respeito, a cada um de nossos aderentes, a liberdade de crença mais extensa.”

Léon Denis lhe respondeu:

“Vemos a questão de Deus de um ponto de vista exclusivamente necessária às nossas manifestações. Há, na França, duas escolas psíquicas. Gostaria de oferecer detalhes quanto à maneira de proceder das duas escolas. Há os kardecistas e os metapsiquistas. Os kardecistas crêem na existência dos Espíritos, dos quais dão provas múltiplas, infalíveis e sempre mais numerosas. Por experimentação sabem que acima do mundo dos Espíritos existe um foco superior – não lhe dou nome – um foco de onde emanam e se difundem, ao infinito, correntes de forças, e é esse foco eterno que une todos os seres, que os Grandes Espíritos retiram as forças necessárias para se manifestar e produzir fenômenos convincentes, em uma solidariedade estreita, em virtude de leis universais. É esta força

protetora que dirige nossas sessões experimentais.”

No dia seguinte, Léon Denis teve um dia sobrecarregado; ele pronunciou, antes, um magnífico discurso sobre a ciência metapsíquica, disse o que esperava dela e, também, o que nela reprovava. Depois teve de se encarregar ainda do discurso de encerramento que lhe valeu uma grande ovação:

“Vamos nos separar e talvez não nos tornemos a ver neste mundo, porém nos reveremos certamente no outro e nele trabalharemos ainda para servir à causa da verdade e a difundir, cada vez que possamos, os raios de sol levante que se chama Espiritismo.

Encerrando, eu chamo sobre vós as radiações da força divina a fim de que elas vos penetrem, venham fecundar vossas almas e façam persistir em vós o devotamento, a coragem, a abnegação que vos ajudarão a defrontar as dificuldades da vida, do materialismo, a fim de que possais difundir por todo o mundo a convicção que está em vossos corações.”

Os representantes estrangeiros, tanto quanto os da França, guardaram destes poucos dias passados em intimidade com o mestre, sob a irradiação de seu pensamento, seu ensinamento, uma impressão inesquecível. Todos, sem exceção, sentiram que a doutrina que amam tinha em Léon Denis um líder venerável que, por sua grande fé e sua eloquência persuasiva e a lucidez de suas vistas, era um digno continuador de Allan Kardec.

O Congresso teve um lado ilustrativo pela conferência, com projeções de Sir Conan Doyle; milhares de parisienses lotaram desde cedo as salas da Sociedade Sábia, depois a sala Wagan, onde foi feita uma segunda conferência. Estima-se que milhares de pessoas não puderam entrar neste imenso local que conteria facilmente cinco mil pessoas. A imprensa se maravilhou com este sucesso e não dissimulou seu espanto de que Paris contasse com um número tão grande de pessoas interessadas no Espiritismo. Ela conveio que, se Sir Conan Doyle se tivesse decidido a pronunciar uma terceira conferência na sala do Trocadero, esta sala imensa teria sido muito pequena para conter os auditores do famoso pioneiro inglês. Léon Denis se rejubilava muito com este ocorrido da massa em torno de Sir Arthur Conan Doyle.

O Congresso absorveu exclusivamente o mestre; quando ele não estava na rua Copernic, ou na sala da Sociedade Sábia, ele meditava em seu

quarto. Contrariamente ao Congresso de 1900, em que havia recebido muitas pessoas, desejava viver ignorado e escondia seu endereço aos seus amigos mais íntimos. Não foi senão no fim de sua permanência em Paris que um jornalista pôde despistá-lo e obter dele uma entrevista. O Sr. Esquier de *La Libèrte* relatava no dia seguinte, nestes termos, a conversa que havia tido com o mestre a respeito do Espiritualismo moderno:

“No momento em que o Congresso Espírita acaba de encerrar seus trabalhos, parece-nos interessante recolher da própria boca de seu presidente, o Sr. Léon Denis, as conclusões a que chegou esta Assembléia Internacional.

Sabe-se que o Sr. Denis, grande apóstolo do Espiritismo e sucessor de Allan Kardec, escreveu numerosas obras sobre as Ciências metapsíquicas e das quais a mais notável, *Depois da Morte*, é um livro de alta filosofia, tratando da sobrevivência e de tudo a quanto a ela se relaciona.

O eminente espírita pôde nos receber esta manhã.

É um ancião de oitenta anos, quase cego, a barba de neve e que lembra, fisicamente, o Moisés de Miguel Ângelo e também Tolstoi. Infinitamente cortês, prestou-se às nossas perguntas e seu tom, de começo familiar, elevou-se logo até a eloquência mais apaixonada e mais persuasiva:

– Estás satisfeito, mestre, com o resultado do Congresso? – perguntamos.

– Encantado! Seus resultados serão consideráveis... É uma nova vitória para o Espiritismo Kardecista. Está longe o tempo em que se respondia às afirmações dos espíritas com sarcasmos. A atenção pública voltou-se para o seu lado. A discussão, a controvérsia cortês substituíram a difamação. Contestava-se a realidade dos fenômenos, que os metapsiquistas fizeram, por experiências de laboratório, a demonstração de que eles existem. As afirmações de um William Barrett, um Oliver Lodge, um Charles Richet, vinham depois das de William Crookes e não se contestam. Muitos sábios reclamam ainda outras provas. Eles duvidam, essas provas, eles as obterão, se quiserem estudar as forças desconhecidas, com a boa vontade necessária, tendo em conta que eles não estão mais em presença de forças mecânicas, mas de forças inteligentes.

“O Espiritismo prova a existência de um mundo invisível, bem mais complexo ainda que o mundo material. Ele prova também a imortalidade

da alma humana e da consciência individual e, enfim, a evolução da alma através das vidas sucessivas que as levam para o conhecimento e para a perfeição.

– Esta teoria é a de Pitágoras?

– Sim... e de Jesus, pois ele ensinou a pluralidade das vidas em sua conversa com Nicodemos e, também, quando disse que João Batista era a reencarnação de Elias.

– Porém isto é contrário ao dogma católico.

– Certamente! A Igreja, que visava antes de tudo impor seu jugo, transformou a ideia de Cristo e ensinou a doutrina de uma vida única com a ameaça do inferno, a fim de pôr nas mãos dos sacerdotes um potente meio de dominação política...

– ... É verdade que sonhais ver o ensino do Espiritismo nas escolas?

– Eu sonho ver ensinar às crianças a doutrina da sobrevivência, para substituir o catecismo com um horizonte mais largo e dar-lhes uma moral elevada. Mas vai muito longe daí e não nos ocorre mostrar-lhes fantasmas, nem ectoplasmas, nem fenômenos perturbadores, que não podem ser controlados senão pelos pesquisadores ponderados e prudentes; pois nestas experiências podem se imiscuir maus e perigosos espíritos. Aqueles que levantam o véu do mistério devem ser capazes de separar o que é útil para o bem da humanidade.

Na frente de nosso interlocutor parecia irradiar a auréola dos apóstolos. Nós o deixamos profundamente perturbado.

Ch. Esquier.”

O mestre não deixou Paris no encerramento do Congresso. Ele permaneceu dois dias ainda entre seus amigos parisienses, felizes por tê-lo junto deles; ele se mostrou alegre, encantador, pleno de espírito. Brincava-se com ele a respeito de seus hábitos, que ele havia abandonado.

O Sr. Jean Meyer veio testemunhar-lhe sua gratidão e sua alegria, visto ter ele decidido presidir ao Congresso do qual fora a alma. Léon Denis, muito emocionado, prestou homenagem ao Sr. Meyer e seus preciosos colaboradores, assegurando o sucesso do Congresso com uma preparação metódica e cuidadosa.

No dia 15 de setembro, Léon Denis voltava a Tours; nós o vimos no

dia seguinte e como antes de sua partida, ficamos surpreendidos com sua grande calma. Ele retomou logo em seguida sua vida e ninguém poderia supor que um acontecimento de importância capital havia conturbado sua vida durante dez dias.

O maravilhoso equilíbrio dos sábios, que as vaidades do mundo não perturbam e a quem só cativa a vida do espírito.

Este Congresso teve uma profunda repercussão na imprensa. Um repórter foi sucessivamente interrogar o Cardeal Dubois e o pastor Roberty. A Igreja Católica é consciente do estado do espírito moderno, e seus oradores não temiam falar acerca da inquietude humana. O Cardeal, muito informado dos trabalhos do Congresso Espírita, naturalmente defendia que só o Evangelho pode responder às duas questões que, em todos os tempos, foram propostas aos homens: Que somos? Para onde vamos? E terminou por este conselho dirigido aos espíritas:

“Quisestes acabar com as misérias desta Terra, fizestes esforços por um ideal; nesse esforço prossegui; então o Cristo falará em vossa alma para vos revelar a verdade.”

O pastor Roberty, um dos ministros mais eminentes do Protestantismo, presidente do Consistório da Igreja Reformada, tão advertido quanto o Cardeal Dubois quanto ao Espiritismo, fez esta declaração:

O Espiritismo é uma ciência que é louvável estudar; o que eu reprovos aos espíritas é de imiscuir o sentimento religioso às suas práticas. Que eles estudem certos fenômenos psíquicos ainda mal conhecidos, eu não os condeno por isto, seu erro é o de querer criar uma espécie de religião racional.”

Contrariamente ao Cardeal Dubois, ele confessa que o Evangelho não explica tudo, mas o crente não tem necessidade de demonstração. E como o jornalista lhe propunha esta questão:

- Desaconselhai a prática do Espiritismo aos vossos correligionários?
- Eles podem fazê-lo, sob as reservas que indiquei – respondeu.

O mestre ficou muito interessado pela leitura dessas entrevistas. O ponto de vista de duas altas personalidades do clero católico e protestante

estavam longe de lhe serem indiferentes e ele não deixou de apreciar a amplitude e a independência de suas vistas.

Léon Denis se havia tornado menos combativo no final de seu apostolado. Ele não era mais o “velho espírita” da brochura publicada outrora e intitulada “Resposta de um velho espírita a um doutor em letras de Lyon”. Assistindo há cinquenta anos às controvérsias por vezes calorosas entre católicos e espíritas, ele deixava os jovens responderem às polêmicas e dizia:

Vale mais a luta através da crítica do que a conspiração do silêncio. Isto nos leva a conhecer. A verdade negada por uns se propaga por outros, nada poderá agir contra ela pois que as forças do Alto participam do combate.”

Como todos os velhos, Léon Denis era refratário às objetivas dos fotógrafos; antes do Congresso, os amigos e admiradores possuíam somente duas fotografias suas. Uma velha, feita em Lyon, traz o seu autógrafo e o representa em sua maturidade; a outra, mais recente, obtida pela amabilidade do Sr. e Sra. J. Melon, espíritas parisienses que vieram o mestre quando eles estavam em veraneio em Vouvray. Este não quis se negar às suas instâncias e pousou iluminado por um raio de sol diante da janela de seu quarto. Sua fisionomia estava impregnada de uma bonomia sorridente, “pois que vós lutastes como vos recusar!” parece ele dizer aos amáveis amadores.

O Congresso deveria nos proporcionar um novo retrato do apóstolo. Esta fotografia foi publicada no número da *Revista Espírita* de novembro de 1925 e reproduzida no número de maio, quando da desencarnação do mestre. Uma bela ampliação do busto foi feita para o livro do Relatório do Congresso. A cabeça enérgica, tem qualquer coisa de escultural, e admirando a bela frente do pensador deplora-se que Léon Denis não tenha acedido ao desejo de um escultor parisiense, o Sr. Henri Boillon, que, em uma carta muito amável, datada de 2 de dezembro de 1909, propunha-lhe modelar os traços em cera. Ele se exprimia nestes termos:

“Eu desejo muito materializar em um busto o rosto que é o frágil envoltório de um puro e alto espírito, mas eu não ousaria vos pedir esta honra se vós não me désseis a coragem fazendo-me uma muito agradável surpresa pela remessa de vosso *Jeanne d’Arc Médium*.” **Fim**